

Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário

From intolerance to dialogue: a necessary path

Fabrcio Veliq

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuítua de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE).
 Doctor in Theology pela Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven). UFMG.
 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fveliq@gmail.com

Resumo:

O presente artigo tem o intuito de elucidar a necessidade que há em fazer o caminho da intolerância para o diálogo diante da realidade de intolerância religiosa ainda existente no Brasil. Para tal, abordamos a categorias da verdade e medo, mostrando que essas podem ser usadas como fonte para o crescimento da intolerância religiosa no cenário atual, ainda que isso gere certo paradoxo dentro de um discurso cristão, no qual o amor, que é a verdade cristã conforme anunciada nos Evangelhos e na carta de João, lança fora todo o medo. Concluimos mostrando que a compreensão do Deus cristão enquanto trinitário deveria levar o cristianismo a posições mais dialogais, sendo assim, reflexo dessa Trindade no mundo.

Palavras-chave: Diálogo. Intolerância. Medo. Verdade. Paradoxo.

Abstract:

This article aims to show the necessity of trekking the path from intolerance to dialogue in the context of religious intolerance that still remains in Brazil. To do so, we have approached the categories of truth and fear showing that both of them can be used as source to religious intolerance growth in actual scenario, even if this issue generates a paradox in christian speech, which claims that love, which is the christian truth according to the Gospels and letters of John, is able to throw every fear away. We have finished the article by showing that the comprehension of christian God as Trinity should lead Christianity to the dialogue, and by doing this, this Christianity would be able to be seen as a reflexe of this Trinity in the world.

Keywords: Dialogue. Intolerance. Fear. Truth. Paradox.

Introdução

A intolerância religiosa é uma realidade que afeta grande parte da população mundial. No Brasil, conforme dados divulgados no Jornal Estadão de 12 de novembro de 2017, o Ministério dos Direitos Humanos apurou que de janeiro de 2015 até o primeiro semestre de 2017, houve uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas no país¹.

¹ Jornal Estadão. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>. Acesso em: 16 ago. 2018.

Este número, que por si só já se mostra extremamente alto, torna-se mais preocupante com a informação dada pela Agência Brasil de que, no Rio de Janeiro, no período de janeiro a março de 2018, os casos de intolerância religiosa subiram 56% em comparação ao primeiro trimestre de 2017².

Estes dados por si só colocam para a teologia cristã algumas perguntas sérias: por que a intolerância religiosa em um país que se diz cristão? Como a teologia cristã pode responder à questão da intolerância tão presente em nosso mundo?

Para pensar estas questões, assim como para se pensar qualquer questão, é sempre importante termos clareza a respeito dos termos com os quais estamos trabalhando. Dessa forma, começamos falando a respeito do que é a tolerância, para assim, podermos definir o seu antônimo, e então tentarmos identificar possíveis fontes dessa intolerância em nossa sociedade.

Seguindo este caminho, nosso intuito é propor que a luta contra a intolerância não pare na tolerância religiosa, mas que esta siga em direção a um diálogo inter-religioso que provoque o enriquecimento mútuo entre as diferentes religiões existentes hoje em nosso país, bem como no mundo todo.

O que é a intolerância?

Uma das definições dadas pelo dicionário Michaelis é que a tolerância é uma “Atitude liberal de quem reconhece aos outros o direito de manifestar opiniões ou revelar condutas diferentes das suas ou até diametralmente opostas a elas”. Desta forma, pensar a intolerância, tem a ver em pensar o oposto disso, ou seja, o intolerante é aquele que “não reconhece aos outros o direito de manifestar opiniões ou revelar condutas diferentes das suas ou até diametralmente opostas a elas”.

Curiosamente, poucas pessoas se dizem intolerantes. Na maioria das vezes, se alguém é perguntado a respeito de sua tolerância, este ou esta sempre responde que o é, e acredita piamente o ser. Na maioria das vezes também, os que são intolerantes, mesmo não achando que o são, colocam um “mas” na frente de tudo. Sou tolerante, mas determinada coisa não pode ser assim. Sou tolerante, mas é um absurdo o que determinado grupo tá fazendo, e por aí segue todo o discurso.

Diante de tudo isto, surge certo paradoxo: vivemos em um mundo cada vez mais pluralizado e ao mesmo tempo, cresce-se a intolerância religiosa no mundo. Desde o início da idade Moderna, em que os diversos valores trazidos por um mundo de cristandade foram colocados de lado, e passou-se a assumir como verdadeiro aquilo que pode ser provado cientificamente, a pluralidade de pensamento passou a ser o imperativo da vez. Os que eram fechados ao novo conhecimento científico

² Cf. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-05/casos-de-intolerancia-religiosa-sobem-56-no-estado-do-rio>. Acesso em: 16 ago. 2018.

que se instaurava, eram também considerados como retrógrados; pessoas que não queriam se abrir ao novo mundo e às novas formas de conhecimento. Um novo mundo se abria e era tarefa de todos e todas se adentrarem a esse novo conhecimento que advinha com ele.

Claro que um movimento desse porte teve grandes reações por parte daqueles e daquelas que se viram atacados por tamanho absurdo.

A história do desenvolvimento científico e a resistência a ele podem nos dar uma boa chave de leitura para pensarmos as raízes da intolerância como um todo e, em nível pormenorizado, a questão da intolerância religiosa, uma vez que fazem parte de um mesmo processo dentro da sociedade, mudando muitas vezes, somente o escopo em que esta se dá. Dessa forma, acreditamos serem dois os pontos sobre os quais devemos focar nossa atenção para tentarmos compreender o motivo da intolerância religiosa atual: a verdade e o medo.

A verdade como fonte de intolerância

Por que começar pela verdade? Como sabemos, essa questão é muito cara a todas as religiões. De alguma forma ou de outra, todas buscam dizer-se em relação à verdade, daquilo que é excelente em sua essência, de onde sai toda sabedoria, conhecimento, bom, bem-aventurança etc. Falar a respeito da verdade do ser humano e da sua relação com a divindade, seja ela de que tipo for, pessoal ou impessoal, e da forma que tiver, seja um rosto humano, seja um rosto de animal, seja até sem rosto, como energia ou luz inacessível, tudo isto está em voga quando se pensa a questão religiosa. Da mesma forma, podemos dizer que a verdade suprema estará ali onde essa divindade está.

Pensar a verdade e a divindade que é responsável por tê-la em suas mãos não é algo de hoje. Desde muito tempo, muito antes de o cristianismo surgir, a questão da verdade já estava se desenrolando na filosofia grega, entre os povos judeus, babilônicos, egípcios, assírios, e em tantos outros lugares no mundo. Restringir o pensamento da verdade a somente à lógica cristã se mostraria como desconhecimento enorme de todo um mundo que existia antes do cristianismo, sendo, portanto, uma soberba muito grande da parte de quem fizesse isso.

Durante muito tempo, o cristianismo se portou com essa soberba, vendo-se como detentor da verdade no Ocidente. Desde a conversão de Constantino, por volta do século IV e durante séculos ao longo da Idade Média, ser cristão não era uma opção. Ou se era cristão ou se morria, de maneira que era impensável uma verdade diferente daquela proclamada pela religião deste período.

Porém, ao fazer isso, o Cristianismo esquece-se de algo fundamental que é o de reconhecer que a verdade ela é, por si só, insondável. Dessa forma, um conjunto de dogmas e argumentações lógicas não é capaz de defini-la e nem de determinar o que faz parte do seu escopo ou não. Toda vez

que a verdade é definida de uma forma fechada, ela deixa de ser verdade em sua magnitude, uma vez que se deixou encerrar dentro de conceitos meramente humanos.

A verdade não se encerra em conceitos e, a própria história do judaísmo/cristianismo deixa isso muito claro. Enquanto o conceito de verdade para o judeu está no cumprimento da vontade de Deus, para o cristianismo, a verdade é uma pessoa. Agora, se dentro de linhas tão similares há uma diferença entre o que é a verdade, imagina entre religiões tão divergentes entre si?

Se a verdade é algo tão caro às religiões, não é de se admirar que ela se mostre como um dos possíveis caminhos para a intolerância. Com isto, não se diz que não se deva pensar a respeito da questão da verdade. Deixar de fazê-lo, de alguma forma, seria como acabar com todas as religiões, se seguimos na linha do que temos falado até aqui. Buscar a verdade, discuti-la, propor caminhos para chegar até ela é de suma importância para a humanidade. Todos e todas buscam de alguma forma a verdade e veem na religião um caminho para tal. A solução não passa por esquecer a questão da verdade, antes, justamente, passar por abrir mão de toda pretensão de encerrar a verdade em conceitos e em dogmas que foram definidos historicamente.

Ao mesmo tempo, isso não tem a ver com certo relativismo, que pensa que todas as coisas são verdade e mentira, dependendo somente do ponto de vista por onde se olha. Nada mais mentiroso do que a relativização da verdade, uma vez que ela simplesmente quer dizer que todas as coisas são verdadeiras para quem as considera de determinada forma. A relativização da verdade não busca a verdade, antes, é somente um indicativo de que essa questão deixou de ser importante e, por isso, tudo está valendo nesse conceito. Mas, se tudo vale nada vale. Assim, abrir mão da pretensão da verdade absoluta passa a passos largos de se pensar uma relativização da verdade.

Abrir mão da pretensão de verdade é, antes de tudo, reconhecer que esta é muito maior do que os nossos conceitos dão conta. O cristianismo, por si só, não tem uma definição absoluta do que é a verdade. Isso pode chocar a muitos e talvez, alguém por dentro possa pensar: mas que loucura é essa? E o que se faz com o versículo de João 14,6, no qual se diz que Jesus é o caminho, a verdade e a vida?

Embora esse seja um dos textos mais usados pelo cristianismo para assumir certa posição de detentor da verdade absoluta, se olharmos atentamente para o texto, é possível perceber que falar que Jesus é a verdade diz, ao mesmo tempo, muita coisa e nada³. Como cristãos, cremos que Deus se fez humano. Assim, é um dos princípios básicos do cristianismo afirmar que Deus é uma pessoa. Isto,

³ Para a relação entre exegese e hermenêutica, ver DREHER, Luís H. A Passagem da Exegese à Hermenêutica em Sua Relevância Para a Teoria da Literatura. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, São Paulo. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo: USP, 2008, p.1-11. Para uma exegese tradicional sobre João 14,6, ver Schnackenburg, Rudolf. *El Evangelio segun San Juan: exegesis y excursus complementarios*. Barcelona: Herder, 1987.

por sua vez, deveria nos fazer perceber que dizer isso já é, em si, abrir mão de todo conhecimento absoluto da verdade. Se a verdade é uma pessoa, como afirma o cristianismo, pergunta-se: quem conhece uma pessoa de forma absoluta? Por mais que convivamos com as pessoas, com entes queridos, com nossas esposas, esposos, filhos, mães, pais etc., não importa o quão próximo sejamos e o quanto conhecemos da pessoa com quem convivemos, sempre haverá algo ali que não é conhecido e não se encerra nas definições que podemos fazer a respeito da pessoa com quem convivemos.

Junta-se a isso o fato de que Jesus é judeu e, como sujeito histórico, fala condicionado pelas perspectivas de seu tempo. Como falamos mais acima, a verdade no judaísmo é medida de acordo com o cumprimento da vontade de Deus. Em outras palavras, falar que Jesus é a verdade tem a ver com dizer que nele se cumpre a vontade de Deus, e não, que ele traz a aura da verdade absoluta.

O cristianismo, dessa forma, não deveria ter a pretensão de ser o detentor da verdade, antes ser aberto para a novidade que cada pessoa e situação traz consigo, reconhecendo, assim, que a verdade do qual fala é de um modo de vida e não em nível absoluto e conceitual, uma vez que Deus, sendo pessoa, não se encerra em conceitos.

A verdade é sempre em perspectiva. Para exemplificar isto, basta uma garrafa térmica, com cada lado de uma cor, duas cadeiras e uma mesa. Ao se pedir para quem está do lado direito da mesa descrever a garrafa, sua descrição será a partir do que ele está vendo e descreverá a cor do seu lado da garrafa. Quem está do lado esquerdo, todavia, descreverá outra cor, totalmente diferente daquela descrita pela outra pessoa. De nenhum modo podemos dizer que um dos dois está certo ou errado, uma vez que cada um fala da sua própria perspectiva e com o conhecimento que tem em determinado momento.

Com toda essa digressão, podemos agora ponderar o porquê a verdade ser um dos motivos da intolerância. Talvez o motivo já tenha ficado claro, afinal, se tenho o conhecimento da verdade absoluta, por que, afinal de contas, devo eu tolerar aquele que é diferente? Por que devo eu aceitar aquilo que vai contra a verdade última? Rejeitar a verdade é um sacrilégio, algo que deve ser combatido e, aquele que se opõe a ela deve ser, portanto, destruído e eliminado, para que o mal não se espalhe e contamine a todos e todas que estão em sua volta, corrompendo assim, a sociedade querida pela divindade.

A pretensão de verdade absoluta se mostra, assim, como uma das fontes de alimentação da intolerância religiosa. Percebemos isso em nosso país, principalmente ao ouvir o que muitos de nós, cristãos, falamos a respeito das outras religiões, principalmente as de matrizes africanas.

Não é difícil ouvir dizer que as religiões orientais e de matrizes africanas não passam de crenças, não sendo uma fé genuína, uma vez que esta só pode vir dentro do discurso da verdade cristã. Esse preconceito é ainda maior no que tange às religiões de matrizes africanas que constantemente

são classificadas como diabólicas por algumas denominações cristãs, enquanto as de matrizes orientais são vistas como possuidoras de um caráter mais filosófico.

Essa pretensão de verdade que, obviamente, não é correspondida por parte de uma sociedade plural, se torna motor da intolerância e geram os diversos casos com os quais começamos esse nosso artigo. Assim, o cristianismo constantemente usa a verdade como arma de destruição e não como palavra que liberta. No caso de diversas religiões, em sua leitura de João 8,32 (“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”), a mensagem seria: e conhecereis a verdade dogmática do Cristianismo⁴ e esta destruirá aquilo em que você crê. Infelizmente, uma realidade em nossos dias e em nosso país que, curiosamente, se diz cristão.

O medo como fonte da intolerância

Um segundo motivo que gostaria de elencar é o medo. Esse medo, muitas vezes ancorado na questão da verdade se mostra como fator importante para se pensar a intolerância religiosa em nossos dias. Vários de nós, provavelmente, já ouviram a ideia de que o medo não é sempre negativo. O medo, muitas vezes nos protege, de maneira que podemos dizer que viver sem medo é algo temerário. A ausência do medo nos torna sem noção dos perigos sobre os quais estamos constantemente rodeados e pode, muitas vezes, nos levar à morte. Quem nunca passou uma experiência de medo e que depois percebeu que foi este que o preservou de fazer alguma bobagem, da qual se arrependeria depois? Assim, o medo é importante para a autopreservação humana e animal.

Tirando esta característica, porém, o medo apresenta outra face e é esta que nos interessa para falar a respeito da intolerância religiosa, uma vez que muito dessa intolerância surge devido ao medo que se tem diante daquilo que se é desconhecido. Tememos o que desconhecemos e isto, provavelmente, porque aquilo que desconhecemos não o dominamos e, se não dominamos, não sabemos o que pode sair dali e, não sabendo o que pode sair dali, é melhor não mexer com aquilo e considerá-lo como algo indevido e, em casos mais extremos, até mesmo errado, repulsivo e digno de morte.

Durante muito tempo, o cristianismo foi, de certa forma, ensinado a temer as coisas que eram contrárias aos seus dogmas, porque estas poderiam de alguma forma, afastar o fiel do caminho certo que ele deveria seguir. Isso o faria desagradar a Deus e, conseqüentemente, ter o fim de todos aqueles

⁴ Nesse ponto é importante ressaltar que nem tudo no cristianismo é um dogma a ser seguido, havendo grande abertura para novas formas de se propor a fé e as vivências dentro do próprio cristianismo.

e aquelas que o desagradavam, ou seja, o inferno de fogo, no qual seria atormentado de dia e de noite por demônios ávidos por terror.

Que evitar este castigo seja um bom motivo para não desagradar a um Deus que pode te mandar para este lugar dependendo das coisas que você falasse, não parece ser algo que precisamos argumentar muito. Ainda hoje, esse tipo de visão permanece em nosso meio e, o servir a Deus segue mais pela linha do medo do que pela linha do amor e da liberdade.

De toda forma, esse tipo de postura de medo com relação ao diferente, infelizmente, ainda se faz muito presente no meio cristão. Tememos um monte de coisas, principalmente as coisas das religiões que desconhecemos e acreditamos que elas, em si, carregam algo de mal e de cruel que nos afastará de Deus e do seu amor, fazendo-nos, portanto, padecer em um lago de fogo pela eternidade. Quem pensa assim, claramente, não compreendeu nem a proposta cristã, nem o que é o inferno, nem o que vem a ser o amor de Deus, mas isto seria assunto para outro artigo⁵.

O que cabe a nós perguntar aqui é como que esse medo motiva a intolerância religiosa e como seria possível combatê-lo, se é que, como cristãos, devemos fazê-lo. Seguindo na mesma cadeia lógica que expusemos a pouco, de que tememos o que desconhecemos e isto, provavelmente, porque aquilo que desconhecemos não o dominamos e, se não dominamos, não sabemos o que pode sair dali e, não sabendo o que pode sair dali, é melhor não mexer com aquilo e considerá-lo como algo indevido e, em casos mais extremos, até mesmo errado, repulsivo e digno de morte, a intolerância se mostra como o fim óbvio para os que seguem nesta trilha do medo. Daí se segue que um dos antídotos para o desconhecimento é o próprio conhecimento, o que deveria servir como incentivo para se conhecer mais sobre as diversas religiões existentes no mundo.

Curiosamente, dentro de uma proposta cristã, o verdadeiro amor é aquele que lança fora o medo, sendo, portanto, incompatível para um cristão, uma postura intolerante que nasça tendo o medo como seu fundamento.

Dois paradoxos

A pretensão da verdade absoluta e o medo são coisas que assombram o cristianismo durante muito tempo e, infelizmente, tem voltado com força em nossa sociedade brasileira, que tem comprado o discurso dos “cidadãos de bem”, contrários, obrigatoriamente aos “cidadãos do mal”. Os cidadãos de bem, curiosamente, dizem-se como porta-vozes da verdadeira religião, da que possui uma verdade maior que as outras e, por este motivo, legitimada a perseguir e destruir as religiões que não

⁵ Sobre a questão do inferno, ver TORRES QUEIRUGA, Andres. *O que queremos dizer quando dizemos "inferno"?*. São Paulo: Paulus, 1997.

compartilham do mesmo referencial teórico que ela, por medo de que ela possa de alguma maneira, acabar com os valores cristãos da sociedade brasileira.

De alguma forma, podemos dizer que a pretensão da verdade absoluta gera o medo com relação a tudo aquilo que pode, assim, ameaçar a esta pretensa verdade absoluta, o que por si só já revela o próprio paradoxo de uma religião que é baseada nessa pretensão e no próprio medo. A verdade que deveria afastar o medo é a que o cria e luta contra esse mesmo medo que ela levantou.

Que isto esteja longe de um cristianismo que segue o exemplo de Jesus Cristo deveria parecer claro para todo leitor e toda leitora do texto bíblico. Ao mesmo tempo, deveria ser claro que a proposta cristã nunca foi a da violência, mas, muito pelo contrário, o da tolerância e da compreensão para com os pensamentos que são divergentes. O caso dos dois discípulos que quiseram fazer parar alguém que expulsava demônios em nome de Cristo e não andava com eles deixa muito clara qual a postura de Jesus, ou seja, a de deixar ir, “porque não há ninguém que faça o bem em meu nome e depois possa falar mal de mim”. O Cristianismo é chamado à tolerância justamente porque Deus é tolerante para conosco.

Diante disso, pode surgir uma pergunta: devemos, todavia, tolerar tudo, até mesmo o intolerante? A resposta a essas duas perguntas, claramente é não. Uma das boas explicações para isso foi desenvolvida por Karl Popper, sendo conhecido como o paradoxo do tolerante. Em seu argumento, Popper afirma que não devemos tolerar os intolerantes, porque tolerá-los implica dar a eles a oportunidade de assumir o poder e, uma vez assumindo o poder, esses intolerantes destruirão todos os tolerantes, acabando assim, com a própria tolerância. Desta forma, não se deve tolerar os intolerantes de maneira alguma.

Menos conhecido é o *paradoxo da tolerância*: tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da tolerância. Se estendermos tolerância ilimitada até mesmo para aqueles que são intolerantes, se não estivermos preparados para defender a sociedade tolerante contra a investida dos intolerantes, então os tolerantes serão destruídos, e a tolerância junto destes⁶.

Da tolerância ao diálogo

Agora que clareamos um pouco a questão da intolerância e a reconhecemos como problema precisamos pensar também uma possível solução para isto que possa, a partir do campo teórico, alcançar também o campo prático para uma vida em nossa sociedade.

⁶ POPPER, Karl Raimund. A sociedade democrática e seus inimigos. 56. ed, Editora Itatiaia. Belo Horizonte. 1959, p. 579.

Parece um erro pensar que a resposta para a intolerância religiosa seja somente a tolerância religiosa. Nem sempre a solução para um problema é o seu oposto, mas devemos, algumas vezes, ir um pouco além para tentar resolver o problema.

Quando falamos em tolerância religiosa, ainda que seja melhor que uma situação de intolerância, ainda não se mostra como o melhor caminho. Quando falamos em tolerar a outra religião, falamos somente do direito que ela deve ter de manifestar aquilo que ela pensa de maneira livre. Aqui, não diz nada sobre a questão da empatia e simpatia entre as religiões, somente fala no campo do direito de livre manifestação, algo que, pelo menos até agora, mostra-se como direito constitucional, sendo, portanto, inadmissível qualquer tipo de discriminação por crença e discurso religioso em nossa sociedade.

Porém, muito mais que uma proposta de tolerância, uma verdadeira religião deve se esforçar para o estabelecimento do diálogo. Que a tolerância é o primeiro passo para se passar de uma situação de intolerância para o diálogo, disso não temos dúvida, contudo, o caminho não para na tolerância, mas deve seguir além, rumo a um diálogo efetivo entre as religiões.

Essa nova perspectiva, contudo, abre nosso leque para pensarmos a categoria do diálogo dentro da sociedade e, conseqüentemente, pensar uma teologia que possa, de alguma forma, responder a esta questão. Essa teologia, por sua vez, deve ser aberta ouvir visões de mundo e doutrinas diferentes à sua, de maneira a repensar a si mesma, mantendo sua própria identidade enquanto teologia cristã. Dessa forma, pode trazer grandes contribuições para a sociedade, dizendo-se de maneira que faça sentido para pessoas do século XXI.

O que é o diálogo?

Embora pareça algo que o próprio senso comum dá conta, na vida diária é possível perceber que, muitas vezes, os conceitos mais fáceis são aqueles mais difíceis de se colocar em prática.

O dicionário Houaiss define o diálogo como “trocar (interlocutores) opiniões, comentários etc., com alternância dos papéis de falante e ouvinte; conversar” e também como “procurar entender-se [com outra(s) pessoa(s) ou outro(s) grupo(s)]⁷”. Essa definição, por si só já esclarece alguns pontos sobre os quais é necessária certa atenção.

Em primeiro lugar, trata-se de uma troca de opiniões. Por mais simples que se possa parecer, é importante se observar que, para que se haja esse troca de opiniões é necessária a presença tanto de um outro, como também das opiniões diferentes a serem trocadas. Do contrário, não faz sentido se

⁷ Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1 ed. Rio de Janeiro. Objetiva: 2001, p. 1031.

fazer trocas de opiniões quando as duas são iguais, uma vez que, se dois falam a mesma coisa, um deles está sobrando⁸.

Diante disso, a presença de um outro que pensa diferente se mostra como tarefa imprescindível para que haja algum tipo de diálogo. O outro, aquele que se coloca como o que vem de fora, é condição *sine qua non* nesse processo. Não há como, por definição, dialogar com o que pensa igual, somente com o que pensa diferente. Com o que pensa igual sobre determinado tópico, então, pode se haver compartilhamento, mas não diálogo.

Um segundo ponto que merece atenção é o fato de que o diálogo é um procurar entender-se com outras pessoas e grupos. Nisso reside o uso daquilo que chamamos de empatia (*en pathos*), que quer dizer sofrer com se colocar no lugar do outro, assumindo a sua dor. Sem empatia não há diálogo. A busca do entendimento a respeito da posição do outro implica em atentar para o que outro tem a dizer sobre determinado assunto, na tentativa de compreender seus pontos de partidas, caminhos e chegada.

Disso, é possível dizer que para que o diálogo seja efetivado, a disposição para a escuta é tarefa salutar. Não há como dialogar quando se há somente uma fala e não é possível fazer uma troca séria sem ouvir e atentar naquilo que se está trocando, seja uma mercadoria, seja opiniões sobre o assunto.

Diálogo e empatia, dessa forma, são tarefas que se entrecruzam. Não há diálogo sem empatia para como aquele ou aquela com quem dialogo. Assim, o diálogo se mostra como desafio duplo: ao mesmo tempo em que é um convite para o acolhimento do diferente em sua diferenciabilidade, também o é ao nos desafiar a ouvir profundamente o outro naquilo que ele tem a nos dizer de sua realidade e visão de mundo. Não tem como tentar fazer um diálogo ecumênico ou um diálogo inter-religioso sem ter consciência daquilo que se espera de um diálogo.

Com isso em mente, parece-nos claro que dialogar não tem a ver com o convencimento. A partir do momento em que há o convencimento do outro, encerra-se o diálogo; passa-se a ser uma partilha ou algum tipo de ensinamento a respeito do tópico que, anteriormente, estava em questão.

Considerações finais

Ainda temos um longo caminho a seguir para passarmos da intolerância religiosa para o diálogo inter-religioso. Contudo, reconhecendo que a Trindade é, em si mesma, dialógica, isso deve motivar o Cristianismo a buscar compreender e entrar em um verdadeiro diálogo consigo mesmo, em

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Unisinos. São Leopoldo: 2004, p. 29.

seus diversos segmentos, e também com aquelas religiões que pensam de maneira diferente, primando sempre pelo mútuo crescimento, algo próprio daquilo que chamamos diálogo na contemporaneidade.

Da mesma forma, se as outras religiões também fizerem esse movimento, será possível termos uma sociedade onde as religiões convivam em harmonia, dialogando entre si, mantendo a sua própria identidade. Assim, é possível que trilhemos a longa trajetória de se passar da intolerância para o diálogo.

Referências

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1 ed. Rio de Janeiro. Objetiva: 2001.

JORNAL ESTADÃO. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>. Acesso em: 16 ago. 2018.

MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Unisinos. São Leopoldo: 2004.

POPPER, Karl Raimund. *A sociedade democrática e seus inimigos*. 56. ed, Editora Itatiaia. Belo Horizonte. 1959.

Site do UOL de 28/04/2017. Disponível em <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2017/04/28/desemprego-e-de-137-e-atinge-142-milhoes-de-trabalhadores-diz-ibge.htm>. Acesso em: 16 jan. 2018.